UMA ANÁLISE IDENTITÁRIA DA REPRESENTAÇÃO DA MULHER NO “FEMINEJO”.

III Encontro Nacional de Letras no Litoral Norte da Paraíba - ELLIN-PB, 3ª edição, de 08/05/2024 a 10/05/2024
ISBN dos Anais: 978-65-5465-093-9

COSTA; Luiz Miguel Azevedo da Costa [1], SALES; Laurênia Souto [2]

RESUMO

UMA ANÁLISE IDENTITÁRIA DA REPRESENTAÇÃO DA MULHER NO "FEMINEJO"

Luiz Miguel Azevedo da Costa (UFPB)

(miguelazevedo02@gmail.com)

Laurênia Souto Sales (UFPB)

(laurenia.souto@academico.ufpb.br)

RESUMO

A partir do ano de 2016, foi iniciado um movimento que passou a ser conhecido como “Feminejo”. Esse termo busca representar a presença de mulheres em um gênero musical que é dominado historicamente por homens, tanto nos aspectos vocais quanto em suas abordagens temáticas. Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo analisar como ocorre a construção identitária da mulher em uma letra de canção do gênero musical sertanejo. A pesquisa está ancorada na perspectiva da Análise de Discurso (AD) de linha francesa, (Pêcheux, 1975; Orlandi; 2015). O *corpus* utilizado para propor a atividade é composto pela letra da canção “Folgado”, da cantora e compositora Marília Mendonça. Com base na pesquisa descritiva-interpretativa, utilizamos conceitos como discurso, relações de força e metáfora para realizar a análise dos dados. Os resultados demonstram que, quando analisada a construção identitária, há a presença de aspectos estruturais de machismo como um agente de poder que molda a vida da figura feminina representada na canção. Logo, esses resultados, em uma proposta de leitura, auxiliam na ampliação das reflexões acerca do papel social do sujeito feminino em diferentes espaços e abordagens temáticas, como nas canções sertanejas atuais.

PALAVRAS-CHAVE: Representação da mulher. Identidade. Feminejo.

1. Introdução

O papel representativo das mulheres em canções do gênero sertanejo foi algo, por bastante tempo, invisibilizado. A figura feminina não possuía voz própria e, em grande parte, quando mencionada, tratava-se de um produto de idealização dos cantores; o que acontece ainda hoje. Apesar do sertanejo sempre ter sido dominado por homens, a partir do ano de 2016 iniciou uma maior representatividade feminina no gênero musical.

É nesse contexto que esta pesquisa está inserida. Resultado do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) desenvolvido na graduação em Letras-Português do Campus IV da Universidade da Federal da Paraíba, com este artigo temos como objetivo apresentar uma proposta de leitura numa perspectiva discursiva acerca da construção identitária da mulher na letra de canção “Folgado”, da

[1] UFPB, miguelazevedo02@gmail.com
[2] UFPB, laurenia.souto@academico.ufpb.br

cantora Marília Mendonça. Amparada na Análise de Discurso (AD) de linha francesa, no que se refere aos procedimentos teóricos e metodológicos, trata-se de uma pesquisa de base interpretativista, com ênfase nos conceitos de discurso, interdiscurso e identidade para realizar a análise dos dados.

A justificativa para a realização deste estudo decorre do fato de que a análise da letra da canção em tela evidencia práticas sociais, enfatizando a construção identitária do sujeito social através de uma música que possui ampla popularidade. Nessa perspectiva, analisar músicas amplamente conhecidas expõe aspectos da sociedade que precisam ser discutidos, uma vez que revelam as construções discursivas nas quais elas estão ancoradas.

O trabalho está organizado em três seções a partir desta introdução, que vem seguida por um breve referencial teórico, pela leitura proposta para a canção e pelas considerações finais.

2. Situação teórica

Ao tratarmos da noção de sujeito e de identidade a partir da Análise de Discurso (AD) de linha francesa, é preciso levar em consideração que a AD compreende a construção do sujeito e sua identidade por meio dos processos discursivos. Nesse contexto, Orlandi (2015, p.46) concebe o sujeito como: "[...] materialmente dividido desde sua constituição: ele é sujeito de e é sujeito à. Ele é sujeito à língua e à história, pois para se constituir, para (se) produzir sentidos ele é afetado por eles. [...]". Ou seja, não se trata de uma entidade autônoma, mas, ao contrário, intrinsecamente ligado às influências linguísticas e históricas, sem as quais o sujeito não poderia existir como tal.

A AD, portanto, se contrapõe à filosofia idealista da linguagem, que concebe o sujeito como origem e fonte de tudo que é dito e feito por ele. Pêcheux e Fuchs (2010[1975]) apresentam dois tipos de esquecimento que afetam o sujeito nesse contexto. O primeiro é considerado um esquecimento inconsciente, ocorre quando o sujeito vai se colocando como origem de tudo que é dito, ao apagar e rejeitar tudo que não pertence a sua formação discursiva. O segundo esquecimento já possui um caráter semiconsciente, que ocorre quando o sujeito escolhe privilegiar certos aspectos e relegar outros, criando a ilusão de unicidade no significado do que é dito.

Dada a influência que recebe da língua e da história que o circunda, o sujeito d a AD é percebido como alguém que negocia seu lugar e seu sentido no discurso, revelando-se, assim, o resultado de influências múltiplas, e sua identidade, consequentemente, é formada através de processos discursivos complexos e dinâmicos. Tal fato nos leva a entender a importância de se se buscar compreender essa dinâmica para que se possa analisar os discursos e a construção do próprio sujeito.

Essas ideias de centralidade e unicidade de origem são importantes para a constituição do sujeito, segundo Pêcheux (1975), pois os discursos são produzidos a partir de uma posição determinada, o que é central para a formação identitária desse sujeito. Assim, ao produzir esses discursos, podem surgir questionamentos sobre a centralidade e a origem desses discursos e como estão situados em relação ao que é dito pelos outros. Para Guerra (2016, p.9), "[...] o sujeito é essencialmente ideológico e histórico, pois está inserido num determinado lugar e tempo. Com isso, ele vai posicionar o seu discurso em relação aos discursos do outro, estando inserido num tempo e espaço socialmente situados [...]".

Nesse contexto, torna-se necessário estarmos alinhados com os estudos sobre o discurso e a maneira como são construídas as identidades dos sujeitos na sociedade. Nesse viés, Orlandi (2015, p.47) afirma:

Devemos ainda lembrar que o sujeito discursivo é pensado como 'posição' entre outras. Não é uma forma de subjetividade mas um 'lugar' que ocupa para ser sujeito do que diz (M. Foucault, 1969): é a posição que deve e pode ocupar todo indivíduo para ser sujeito do que diz. O modo como o

[1] UFPB, miguelazevedo02@gmail.com
[2] UFPB, laurenia.souto@academico.ufpb.br

sujeito ocupa seu lugar, enquanto posição, não lhe é acessível, ele não tem acesso direto à exterioridade (interdiscurso) que o constitui. Da mesma maneira, a língua também não é transparente nem o mundo diretamente apreensível quando se trata da significação pois o vivido dos sujeitos é informado, constituído pela estrutura da ideologia. (M. Pêcheux, 1975)

A partir das considerações feitas pela autora, entendemos que a identidade do sujeito é construída a partir do lugar que ele ocupa e que interfere diretamente nos seus atos discursivos. Além disso, as experiências vividas pelos sujeitos são moldadas por uma estrutura ideológica, e isso significa dizer que suas práticas discursivas são influenciadas por essa estrutura.

Ao considerar a relação histórica do sujeito, é essencial dedicar-se à interpretação das situações que permeiam as práticas sociais. Segundo a AD, essa abordagem interpretativa contribui para a compreensão da complexidade da significação ideológica e sua relevância na construção da identidade dos sujeitos ao longo do tempo. Dessa maneira, a ideologia estabelece uma conexão entre os aspectos linguísticos e sócio-históricos.

Além disso, reconhecemos que a linguagem vai além de ser meramente um meio de comunicação, desempenhando um papel fundamental na construção das representações ideológicas que influenciam a formação dos sujeitos e a maneira como são concebidos. De acordo com Orlandi (2015), a linguagem desempenha um papel de extrema importância tanto para o sujeito quanto para as pesquisas que investigam as condições de produção do discurso, pois não é transparente, com isso o sujeito não tem acesso direto à exterioridade que o constitui.

A construção de identidade é um processo complexo que difere do paradigma positivista. Essa construção se contrapõe aos ideais iluministas por não se enquadrar no paradigma positivista. O processo de globalização influencia essa construção, principalmente se pensarmos nas pluralidades intrínsecas a essa conceituação. Um exemplo disso é a crise de identidade que surge com a unificação dos sujeitos, resultante da globalização e do exercício do poder. Desse modo, a elaboração da identidade não pode ser vista como uma verdade absoluta, mas sim como algo múltiplo e ilimitado, moldado por relações de poder e conflitos que a constituem, concepções essas elaboradas por Hall (2006).

Podemos pensar o processo de construção das identidades dos sujeitos, inicialmente, refletindo sobre como essas identidades surgem a partir do contato direto com o meio social. Dessa forma, consideramos o sujeito como essencialmente sociológico. Esses sujeitos possuem características individuais ou singulares, mas à medida que se confrontam diariamente com um mundo social externo, ocorre uma transformação das identidades que são oferecidas por esses universos enriquecidos por aspectos culturais.

Nesse contexto, ao abordarmos a formação da identidade, consideramos questões que implicam aspectos culturais e simbólicos. No entanto, essa incorporação só ocorre à medida que os sujeitos internalizam suas próprias interpretações e perspectivas em relação a esses aspectos. É isso que Hall (2006, p.12) evidencia ao afirmar:

A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 1987). É definida historicamente e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo deslocadas

Com essa compreensão, ao passo que entendemos que o processo de construção de identidades se dá por intermédio das relações sociais, percebemos que estas são configuradas como construções históricas e não biológicas. Assim, conforme Hall (2006), não há que se falar em

[1] UFPB, miguelazevedo02@gmail.com
[2] UFPB, laurenia.souto@academico.ufpb.br

uma identidade fixa, imutável, pois ao longo do tempo os sujeitos se adaptam e podem se inserir em diferentes aspectos identitários. Essa variação e instabilidade revelam as contradições presentes nos processos de transformação, que são necessários para afastar dos ideais antigos de formalidade e de um sujeito fechado ao diálogo, que anteriormente caracterizava a noção de identidade.

Essas diversas perspectivas revelam a pluralidade atribuída aos sujeitos, pois são influenciados pelas relações de poder quanto por múltiplas formações discursivas. É dessa maneira que identificamos a configuração de um sujeito descentralizado, abrangente e polifônico, resultado da multiplicidade de vozes que contribuem para sua formação social.

Seguindo essa perspectiva, é importante ressaltar que o sujeito não é a fonte exclusiva do discurso, pois os sentidos que emanam desse sujeito têm uma natureza histórica e são influenciados por diversas vozes presentes no processo de construção da identidade. O contexto social em que o sujeito da enunciação está inserido desempenha um papel fundamental na origem dos sentidos que são produzidos. Em outras palavras, a gênese do discurso está enraizada no contexto sociocultural em que o sujeito se encontra e no qual ele se posiciona discursivamente.

De acordo com as reflexões de Orlandi (1998), os sentidos não existem de forma independente dos sujeitos, estão intrinsecamente ligados à produção e à existência dos sujeitos. É nessa interação entre sujeito e discurso que os sentidos são gerados e adquirem significação. Essa perspectiva é discutida por Orlandi (1998, p.206), que enfatiza a importância do papel dos sujeitos na produção de sentidos:

Sujeito e sentidos se configuram ao mesmo tempo e é nisto que consistem os processos de identificação [...] identificamo-nos com certas idéias, com certos assuntos, porque temos a sensação de que eles 'batem' com algo que temos em nós. Ora este algo é o que chamamos de interdiscurso, o saber discursivo, a memória dos sentidos que foram se constituindo em nossa relação com a linguagem. Assim nos filiamos a redes de sentidos, nos identificamos com processos de significação e nos constituímos como posições de sujeitos relativas às formações, em face das quais os sentidos fazem sentidos.

Dessa forma, podemos observar que há uma certa afinidade nos processos de construção de sentidos. Em alguns momentos, há um interesse por determinadas ideias e conteúdos, pois essas temáticas suscitam sentimentos ou ideais em que acreditamos e que nos constitui. Essa dinâmica é concebida como interdiscurso, ou seja, o conhecimento ou a memória discursiva que deixa vestígios das relações estabelecidas com a linguagem. Daí começa a existir conexão entre a formação e a produção de sentidos gerados pelos sujeitos.

A construção do sujeito é um processo contínuo que ocorre tanto de forma social quanto discursiva. O sujeito é constituído em relação aos outros e, por isso, carrega consigo elementos da alteridade, que o impulsionam a transformar-se e ser transformado. Essa dinâmica identitária é permeada por mudanças subjetivas decorrentes das produções simbólicas e discursivas, as quais enfatizam um caráter que considera tanto os aspectos sociais quanto os ideológicos.

Com base nessa breve discussão, na seção seguinte, apresentamos uma leitura possível para a canção "Folgado", conhecida na voz de Marília Mendonça. A letra se encontra no Canal oficial da cantora, no Youtube da cantora: https://www.youtube.com/watch?v=2HwD3wliSgw.

3. Uma leitura possível para a canção "Folgado"

A canção de título "Folgado" pertence ao primeiro álbum discográfico "Marília Mendonça Ao Vivo", da carreira da cantora Marília Mendonça. A letra dessa canção evidencia aspectos que denotam a expressão de autonomia e resistência feminina.

[1] UFPB, miguelazevedo02@gmail.com
[2] UFPB, laurenia.souto@academico.ufpb.br

Folgado

Não venha não

Eu vivo do jeito que eu quero

Não pedi opinião

Você chegou agora e tá querendo mandar em mim

Da minha vida cuido eu

Deitou na minha cama

E quer dormir com o travesseiro

Folgado

Não venha não

Tá querendo pegar no pé

Você nunca me deu a mão

Eu não sou obrigada a viver dando satisfação

Da minha vida cuido eu

Tô vendo se continuar assim

Cê vai morrer solteiro

Eu nunca tive lei

E nem horário pra sair nem pra voltar

Se lembra que eu mandei você acostumar

Tô te mandando embora,

Melhor sair agora

Não vem me controlar

Folgado

Maldita hora que eu chamei você de namorado

Imagina se a gente tivesse casado

Deus me livre da latada que eu iria entrar

Dá um arrepio só de imaginar

Folgado, de acordo com o dicionário Aurélio, é um adjetivo que pode assumir a ideia de malandragem, em alusão a uma pessoa que se comporta de maneira atrevida. Ela foi composta por Marília Mendonça, Juliano Tchula e Vinicius Poeta. A canção descreve uma mulher que não está

[1] UFPB, miguelazevedo02@gmail.com
[2] UFPB, laurenia.souto@academico.ufpb.br

satisfeita com sua relação amorosa, devido ao fato de seu companheiro tentar lhe impor ordens, limitando sua liberdade. Essa situação leva a protagonista a concebê-lo como uma pessoa desrespeitosa e a terminar o compromisso amoroso que tinham, pois não está disposta a dar satisfações de sua vida ou mudar seu comportamento para lhe agradar.

Com um total 26 versos distribuídos em seis estrofes, observa-se o desafio da protagonista às expectativas de submissão e controle no relacionamento, em que ela, ao questionar, decididamente subverte normas sociais tradicionais.

Na primeira estrofe, os versos "*Não venha não | Eu vivo do jeito que eu quero"* produzem sentido acerca da autonomia da protagonista, que não aceita que interfiram em suas escolhas, pois seu modo de vida é de sua inteira responsabilidade e decisão. Ela reitera esses efeitos de sentido nessa mesma estrofe, no 5º verso, em que anuncia: "*Da minha vida cuido eu*". A protagonista rejeita a imposição de regras por parte do companheiro ("*Não pedi opinião*"), ainda mais considerando que se trata de alguém que chegou recentemente à sua vida e que já quer impor regras: "*Você chegou agora e tá querendo mandar em mim".*

Na segunda estrofe, percebem-se efeitos de sentidos que constroem sentidos que apontam para uma sensação de indignação por parte da protagonista, que se sente invadida com o modo atrevido e abusado do parceiro (*Folgado*), que não soube respeitar seu espaço: "*Deitou na minha cama / E quer dormir com o travesseiro / Folgado*". Podem-se considerar esses dois primeiros versos como uma metáfora que remete ao fato de ele não ter sabido respeitar seu modo de viver e nem seu espaço, agindo de forma invasiva, desmedida, pois, além de "deitar em sua cama", ainda "*quer dormir com o travesseiro*".

Já na terceira e quarta estrofes, tem-se a utilização de expressões populares cujos sentidos podem ser relacionados às noções de resistência ao controle ("*Não venha não / Tá querendo pegar no pé*") e de autonomia ("*Eu não sou obrigada a viver dando satisfação / Da minha vida cudo eu*") por parte da protagonista, bem como à noção de consequências que hão de recair sobre o parceiro caso ele continue agindo de forma impositiva, controladora: "*Tô vendo se continuar assim / Cê vai morrer solteiro*". Percebe-se, ainda, a insatisfação da protagonista com seu relacionamento quando ela destaca sobre o parceiro: "*Você nunca me deu a mão*". Ou seja, trata-se de uma posição de sujeito que busca controlar sua companheira, mas, em momentos em que ela necessita de apoio, ele não funciona como um suporte emocional para ela.

Na quinta estrofe, a protagonista dá continuidade a um discurso que reflete a produção de sentidos que remetem a uma forte afirmação de independência e de rejeição a relacionamentos controladores. Os enunciados "*Eu nunca tive lei / E nem horário pra sair nem pra voltar*", para a sociedade, podem denotar algo subversivo ao deixar transparecer efeitos de sentidos de atitudes de desobediência e rebeldia em um relacionamento que deveria ser controlado pelo homem, mas revela identidades femininas com posturas de independência, que não aceitam restrições e controles em sua vida. Inclusive, trata-se de algo que ela nunca escondeu de seu parceiro, que já havia sido avisado a esse respeito: "*Se lembra que eu mandei você acostumar*", e por isso mesmo ela lhe dá o ultimato, expulsando-o de sua vida para poder preservar sua liberdade pessoal: "*Tô te mandando embora | Melhor sair agora | Não vem me controlar".*

A última estrofe, por sua vez, revela sentidos em torno da indignação e do arrependimento da protagonista, que considera uma lástima ter se relacionado com alguém que queria controlar a sua vida, tais expressões linguísticas produzem sentidos que parecem confirmar a construção identitária dessa mulher: "*Folgado / Maldita hora que eu chamei você de namorado".* Embora frustrada, ela demonstra sentir um alívio por não ter dado um passo mais sério no relacionamento: "*Imagina se a gente tivesse casado / Deus me livre da latada que eu iria entrar"* e ainda revela desconforto e até mesmo aversão diante do que poderia acontecer caso tivesse casado com esse homem: *"Dá um arrepio só de imaginar".*

Ao longo de toda a letra, são descritos os motivos que culminaram com o término da relação, os quais podem ser sintetizados pelo atrevimento do homem em querer exercer controle sobre a vida da protagonista. Apreende-se, assim, sentidos que apontam o tom de denúncia da figura feminina quanto à dinâmica de poder tradicionalmente exercida pelo patriarcado na sociedade; nesse caso específico, desrespeitando a autonomia e liberdade da mulher ao buscar

[1] UFPB, miguelazevedo02@gmail.com
[2] UFPB, laurenia.souto@academico.ufpb.br

submetê-la a regras e comportamentos por ele impostos.

4. Considerações Finais

A leitura proposta da letra da canção "Folgado" buscou enfatizar a expressão de resistência feminina da protagonista contra o patriarcado dominante, ao mesmo tempo em que dá visibilidade à construção de uma identidade feminina autônoma diante das tentativas de controle de seu companheiro. Essa identidade é construída não apenas através de práticas culturais, mas também discursivas (Hall, 2006), e é ela que sustenta o agir e a independência dessa mulher frente às expectativas criadas socialmente.

Com isso, a música em questão torna-se um espaço de luta e resistência, mas também de empoderamento feminino, na medida que a protagonista rejeita a submissão aos desígnios masculinos em prol da preservação de sua liberdade. Nesse aspecto, a letra da canção se revela um exercício de poder, manifestando uma luta simbólica da figura feminina contra normas sociais patriarcais, que reforçam e perpetuam a dominação masculina sobre as mulheres.

Outras questões podem ser suscitadas em uma leitura discursiva da referida canção e de outras canções do Feminejo. Em “Folgado”, de modo pontual, pode-se explorar ainda, por exemplo, como as emoções e conflitos se apresentam no texto a partir do uso de uma linguagem figurativa, cujo simbolismo e metáforas presentes produzem efeitos de sentidos sobre poder, relacionamento tóxico, controle e liberdade. Mas esse é um tema para outro estudo.

6. Referências

BÍBLIA, Português. **A Bíblia Sagrada:** Antigo e Novo Testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblia do Brasil, 1969.

GUERRA, Vânia. A análise do discurso de linha francesa e a pesquisa nas ciências humanas. **Anais do Sciencult**, Paranaíba, [S. l.], v. 1, n. 1, 2016. Disponível em: https://anaisonline.uems.br/index.php/sciencult/article/view/3274. Acesso em: 19 maio. 2024.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, pp.7-22

MENDONÇA, Marília. **Folgado**. Youtube, 28 jul. 2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=2HwD3wliSgw. Acesso em: 24 mai. 2024.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Identidade lingüística escolar. *In*: **Lingua(gem) e identidade.** SIGNORINI, Inês (org.) Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 12ª ed. Campinas (SP): Pontes; 2015.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F & HAK, T. (orgs.). **Por uma análise automática do discurso:** uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. Bethânia Mariani et al. 4 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2010 [1975].

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio**.** Tradução de Eni P. Orlandi. Campinas (SP): Unicamp, 1975.

PALAVRAS-CHAVE: Feminejo, Identidade, Discurso

[1] UFPB, miguelazevedo02@gmail.com
[2] UFPB, laurenia.souto@academico.ufpb.br